



**Associação Comunitária de Educação em Saúde e Agricultura (ACESA),
Quebradeiras de Coco Babaçu e agroecologia no Maranhão**
*Community Association of Education in Health and Agriculture (ACESA),
Quebradeiras de Coco Babaçu and agroecology in Maranhão*

SILVA, Raimundo Alves da¹; SANT'ANA JÚNIOR, Horácio Antunes de²

¹ Associação Comunitária de Educação em Saúde e Agricultura (ACESA),
acesa.coordenacao@gmail.com; ² Universidade Federal do Maranhão (UFMA),
horacio.antunes@ufma.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: O trabalho aborda a contribuição de mulheres quebradeiras de coco babaçu e agricultoras na luta pelo direito à terra e uso de seus bens comuns, suas relações no processo de construção de autonomia feminina através da Acesa e dos princípios da agroecologia na região do Mearim, no Maranhão. A pesquisa conta com entrevistas ou depoimentos em eventos de lideranças das quebradeiras de coco, técnicos/as e diretores/as da Acesa. Projetos de desenvolvimento implantados na região ameaçam o direito à terra, negando acesso a recursos básicos e levando as famílias à submissão e à privação da liberdade. Quebradeiras de coco se organizaram para resistir e buscar alternativas produtivas. A Acesa se constitui em instrumento de organização e acesso a informações, recursos produtivos e canais de circulação da produção. Os princípios da agroecologia permitem ampliar as formas de enfrentamento à insegurança alimentar e ampliam as possibilidades de manutenção dos modos de vida.

Palavras-chave: agricultura familiar; direito à terra; uso de bens comuns; autonomia feminina; soberania e segurança alimentar; agroecologia.

Introdução

O trabalho discute a contribuição de mulheres quebradeiras de coco babaçu e agricultoras na luta pelo direito à terra e uso de seus bens comuns, bem como, suas relações de construção de autonomia feminina na região do Médio Mearim, no Maranhão, através da construção e consolidação da Associação Comunitária de Educação em Saúde e Agricultura (Acesa) e da adoção dos princípios da agroecologia na região do Mearim.

Segundo Barbosa (2013) a agricultura historicamente ocupou significativa importância no meio rural maranhense. Com a ocupação do campo por grandes projetos de desenvolvimento, na década 1970, as famílias camponesas passaram a ser alvo de privações, violência de grileiros, fazendeiros e do próprio Estado, que criou as condições necessárias para o avanço desenvolvimentista, privatizando terras públicas ocupadas por quilombolas, indígenas e descendentes de nordestinos advindos de frentes migratórias em busca das chamadas “terras livres”.

Instaura-se um processo de deslocamentos compulsórios (ALMEIDA, 1996) de



comunidades rurais e intensos conflitos políticos e fundiários, grilagens e assassinatos (PORRO; MESQUITA; SANTOS, 2004); consequências ambientais e acentuação da pobreza em decorrência da desestruturação econômica das famílias (ROCHA, 2006). A supressão do direito à terra acarretou a negação de acesso a recursos básicos, levando à submissão e à privação da liberdade.

Quebradeiras de coco e agricultoras se organizaram para resistir às ameaças aos seus modos de vida, instaurando-se uma verdadeira guerra pelo acesso à terra e pelos babaçuais (ANDRADE, 2005). As famílias enfrentavam situações cada vez mais humilhantes, a sobrevivência tornava-se mais difícil. O processo de organização que culminou com a criação do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) e da identidade política coletiva de mulheres, adultas e jovens, quilombolas, indígenas, agroextrativistas, mães, avós e seu movimento contribui para o fortalecimento de suas comunidades e para a defesa de seus territórios tradicionais.

As quebradeiras de coco babaçu têm uma significativa importância histórica, sociopolítica, socioeconômica e cultural na chamada “região dos babaçuais”, que engloba partes dos estados do Pará, Piauí e Tocantins e, principalmente, do Maranhão, somando mais de 300 mil mulheres. Esta atividade é constantemente ameaçada pela expansão do agronegócio, pela dificuldade da comercialização dos produtos oriundos do babaçu ou de acesso à terra e aos babaçuais que garantem às quebradeiras a continuidade do seu modo de vida.

Na região do Médio Mearim, os primeiros passos da Acesa se iniciaram em 1986 com ações de saúde e de produção da agricultura familiar. Estavam voltados para a organização dos Clubes de Mães nas comunidades, contribuindo com a organização local, com produção coletiva de alimentação saudável e ações de saúde integrativa. As mulheres passaram a integrar os setores de saúde, animação, rádio e educação da Acesa. Eram ainda parteiras, rezadeiras e curandeiras. As ações de saúde recriaram e adaptaram saberes originados nas práticas tradicionais e religiosas.

A agroecologia fortaleceu técnicas e práticas populares de produção, como quintais produtivos, uso de defensivos naturais; fomento de novas formas de pensar as relações entre mulheres e homens; autonomia política e econômica das mulheres; conscientização sobre os agrotóxicos e consumo de alimentos agroecológicos. Estimulou o respeito aos saberes tradicionais, às formas familiares de produção, ao bem viver, às vivências locais e ao consumo/produção/comercialização consciente, justo e solidário. As atividades desenvolvidas estão intimamente ligadas às mulheres, no enfrentamento político cotidiano ao desenvolvimento hegemônico e patriarcal.



Metodologia

Como procedimento metodológico, foram realizadas 10 entrevistas gravadas e analisados 5 depoimentos em eventos de lideranças das quebradeiras de coco e de técnicas/os e diretoras/es da Acesa. As informações obtidas nas entrevistas e depoimentos foram classificadas e sistematizadas tomando como eixo a questão da autonomia das mulheres diante das ameaças territoriais enfrentadas numa realidade que impõe constantes dificuldades para a sobrevivência material e manutenção de vivências comunitárias. Recorreu-se então à história oral com técnica que permite a recuperação de memórias subalternizadas.

Para Figueiredo, Chiari e Goulart (2013), sujeitos do estudo qualitativo são pessoas de determinadas condições e grupos sociais, com suas crenças, valores e significados, vivências calcadas na ancestralidade e nos saberes partilhados socialmente ao longo das gerações, a partir de realidades comuns. A história oral é um tipo de narrativa na qual a entrevista tem um fundamento de registro de um suporte material que permita uma reflexão que quase sempre varia das possibilidades da documentação escrita (BOM MEIHY, 1996). Permite a escrita de outras histórias, cujos principais protagonistas são sujeitos que foram silenciados. Esse tipo de história permite construir outra história em que os vencidos têm seu lugar e que o sujeito de conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida (BENJAMIN, 1994). Para tanto, buscou-se a experiência e o contato direto com a vida, com a experiência que se materializa através da ida ao rio, à floresta e ao babaçual, com a contação e narração de histórias e experiências guardadas nas memórias das comunidades rurais. A oralidade é um dos aspectos fundamentais da narração. De acordo com Benjamin (1994, p. 198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”. O narrador é aquele que conta a experiência de vida, a possibilidade de trazer para a fala o que for sentido, experimentado; que traz a experiência e os saberes apreendidos ao longo dos tempos e das vivências no cotidiano; faz seu encontro com o conceito de história, pois a traz dos vencidos, dos subjugados. Recuperar as falas da comunidade e do território é trazer para a luz o que foi tido como não importante, penteando a história contrapelo.

Resultados e Discussão

A atividade de coleta, quebra e beneficiamento do coco babaçu é passada de geração a geração e realizada predominantemente por mulheres, garantindo autonomia econômica por ser uma das principais fontes de renda. É associada ao cultivo da roça, com produtos como macaxeira, mandioca, feijão, arroz, milho, abóbora e melancia. Projetos governamentais de “desenvolvimento agrícola”, como Plano de Desenvolvimento Agropecuário do Matopiba (PDA-Matopiba), que envolve as áreas de cerrado dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, tendo como um de seus efeitos a expansão de soja, cana, eucalipto, pecuária extensiva, e projetos de exploração de gás natural põem em risco florestas de babaçu e quebradeiras. Contudo, as quebradeiras de coco babaçu, acompanhadas por



instituições (Acesa; Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão – Assema; Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues-MA – AMTR; MIQCB) e movimentos sociais, têm se articulado para o enfrentamento e resistência a esses projetos, buscando incidência política junto a parlamentares para a proposição de um projeto de lei nacional de acesso livre aos babaçuais.

A partir dos anos 2000, acentua-se a preocupação com a violência enfrentada pelas quebradeiras nas suas relações sociais e de gênero e iniciam-se os primeiros seminários de gênero e agroecologia. Essas novas abordagens possibilitaram uma maior participação das mulheres nas atividades de mobilização, permitindo a aquisição de percepção de si enquanto sujeitas de direitos e contribuindo no combate à violência contra as mulheres, à luta em defesa da vida e à contextualização das relações de gênero. Essas novas questões foram de grande importância não somente para as mulheres, mas também para homens e juventudes. A compreensão de que elas têm direito a uma vida sem violência emerge da percepção de si enquanto sujeitas de direitos e está ligada não somente ao trabalho na roça, à preservação da natureza, ao cuidado com os rios, mas também aos cuidados com a vida e ao direito à saúde física e mental.

A Agroecologia é uma forma de resistência ao modelo de desenvolvimento centrado no agronegócio e um conjunto de conhecimentos que nos ajuda tanto para a análise crítica da agricultura convencional, como para orientar o correto redesenho e o adequado manejo de agroecossistemas (CAPORAL; COSTABEBER, 2002). As experiências aqui estudadas articulam iniciativas que trazem traços marcantes da realidade das quebradeiras de coco e de como recriam e adaptam práticas agroecológicas. Entre essas iniciativas destacam-se: produção de cisternas familiares para armazenar água, bancos de sementes e mudas, canteiros consorciados, fitoterapia, diversificação dos sistemas produtivos, uso de defensivos naturais, reaproveitamento de alimentos como insumo, segurança alimentar e novas relações entre quem produz e quem consome. Ocorrem em agroquintais; no preparo, manejo e uso do solo; na produção integrada; na adubação verde; no uso de defensivos alternativos, bem como no emprego eficiente dos recursos naturais.

Os quintais produtivos se tornaram geradores de riquezas para as unidades familiares, com a diversificação da produção de alimentos, segurança nutricional e soberania alimentar, autonomia e bem viver. Nos quintais, os principais produtos, destinados ao uso familiar ou à comercialização, são legumes como cuxá, maxixe, quiabo, temperos, tomate; plantas medicinais; plantas frutíferas (acerola, goiaba, maracujá, caju, murici, manga e outras); aves como galináceos e patos, porcos. Os quintais têm propiciado a constituição de Banco de Sementes Familiares para recuperação de sementes crioulas, possibilitando a redução dos custos de produção e controle das sementes. A partir dessa experiência as agricultoras passaram a ocupar feiras agroecológicas e acessar mercados institucionais, possibilitando sair da esfera privada para espaços públicos, assumir a condução do quintal e a



coordenação do processo de comercialização dos produtos, numa relação direta com o consumidor/a, garantindo visibilidade e empoderamento político e econômico.

A Acesa se constitui enquanto sujeito coletivo e está empenhada em fortalecer as famílias agricultoras por meio da formação sociopolítica, possibilitando o acesso a políticas públicas, reconhecimento dos saberes locais e sistematização e valorização das práticas agroecológicas e da igualdade de gênero e entre gerações.

Conclusões

Ao longo da sua longa trajetória no Médio Mearim, a Acesa tem contribuído diretamente para a redução da pobreza e da privação de liberdades de inúmeras comunidades na região. Tem assessorado, orientado e acompanhado famílias e comunidades, por meio da adoção de metodologias participativas e de uma pedagogia de educação popular e humanista, tendo sempre como ponto de partida a realidade e o conhecimento local. Através desta dinâmica tem animado e facilitado processos coletivos, resgatado histórias e alcançado soluções compatíveis com os interesses, necessidades e possibilidades das famílias envolvidas.

A Acesa tem contribuído ainda para a preservação territorial e dos meios de vida das comunidades locais, como também para os projetos de gerações futuras ao viabilizar condições para a estabilidade e permanência da juventude no campo. A Acesa mantém-se fiel aos princípios da agroecologia, acreditando na coletividade, na unidade e na organização das pessoas, realizando mudanças promotoras da qualidade de vida e do bem viver para todos.

A partir do acesso aos mercados locais e institucionais, o que antes era invisível passa a ser visibilizado, legitimado, há um aumento da renda gerada pelas agricultoras que, por sua vez, conseguem adquirir novos bens, como estruturas para irrigação das hortaliças, telas de arames para criação dos pequenos animais, através de políticas públicas, apoio oriundo de projetos desenvolvidos pela Acesa e dos Fundos Rotativos Solidários (apoio financeiro repassados pela Acesa produtoras(es) filiadas(os) e que, depois de utilizados em atividades produtivas, são devolvidos para atender a outras famílias que estejam necessitando), promovendo a inclusão produtiva das quebradeiras de coco.

Agradecimentos

Agradecemos ao Mecanismo de doação dedicado a Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais no âmbito do Programa de Investimento Florestal - DGM/FIP/BRASIL, pela concessão de bolsa de apoio de estudo (ajuda de custos) em cursos oficiais, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por concessão de Bolsa em Produtividade de Pesquisa – Nível 2.



Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Refugiados do desenvolvimento: os deslocamentos compulsórios de índios e camponeses e a ideologia da modernização. **Travessia**, maio/agosto, 1996. p. 30-35.

ANDRADE, Maristela de Paula. Mutirões, empates e greves – divisão sexual do trabalho guerreiro entre famílias de quebradeiras de coco babaçu, no Brasil. **Revue Lusotopie** XII (1-2), p. 175 – 189, 2005.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. **Mulheres do Babaçu: Gênero, Maternalismo e Movimentos Sociais no Maranhão**. 2013. Tese. 267f. (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 3ª ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: Enfoque científico e estratégico. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.3, n.2, abr-jun, 2002.

FIGUEIREDO, Marília Z. A.; CHIARI, Brasília M.; GOULART Bárbara N. G. de. Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 25(1): 129-136, abril, 2013.

POLLAK, Michael. A gestão do indizível. **WebMosaica**, Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, v.2 n.1, 2010, p. 9-49.

ROCHA, Maria Regina Teixeira de. A luta das mulheres quebradeiras de coco babaçu, pela libertação do coco preso e pela posse da terra. In. VII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL. **Anais eletrônicos...** Quito, 2006.